

DISCURSO PROFERIDO EM HOMENAGEM DE TITULAÇÃO DE PROFESSOR EMÉRITO DA UFPR¹

Katya Kozicki

Doutora em Direito

Afiliação institucional: Universidade Federal do Paraná – UFPR – (Curitiba, PR, Brasil)

Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/8804746815321094>

Como citar este trabalho / How to cite this work (informe a data atual de acesso / inform the current date of access):

KOZICKI, Katya. Discurso proferido em homenagem de titulação de professor emérito da UFPR. **Revista da Faculdade de Direito UFPR**, Curitiba, v. 67, n. 2, p. 213-217, maio/ago. 2022. ISSN 2236-7284. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/direito/article/view/87181>. Acesso em: 31 ago. 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/rfd.ufpr.v67i2.87181>.

Magnífico Reitor da Universidade Federal do Paraná, Professor Titular Ricardo Marcelo Fonseca.

Digníssimo Diretor da Faculdade de Direito do Setor de Ciências Jurídicas, Professor Sergio Staut Junior.

Ilustríssimo Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Direito, Professor Titular Fabricio Tomio.

Prezada representante do CAHS.

Caras e caros Pró-Reitores.

Prezadas e prezados membros do COUN.

Estimadas e estimados colegas, professoras e professores da Faculdade de Direito.

Queridas alunas e queridos alunos desta casa, atuais e egressos, familiares, amigas e amigos do nosso querido professor Celso Luiz Ludwig², a quem, finalmente, me dirijo.

Quis o destino que nós estivéssemos aqui, reunidas e reunidos, para a entrega do título de Professor Emérito da Faculdade de Direito, do Setor de Ciências Jurídicas da UFPR, ao professor Celso Luiz Ludwig, no mesmo dia em que iniciamos o ano acadêmico de 2022 e damos as boas-vindas às nossas calouras e calouros. Aproveito, portanto, esse momento único e irrepetível para também cumprimentar as nossas novas alunas e alunos e lhes dizer que a Universidade Federal do Paraná e a Faculdade de Direito as(os) recebe de braços abertos, parabenizando-as(os) pela conquista do vestibular de um dos mais disputados cursos da nossa universidade, como também às(aos) que a

¹ Sessão pública e solene do Conselho Universitário da UFPR convocada especialmente para a outorga do título de Professor Emérito ao professor doutor Celso Luiz Ludwig. Evento ocorrido em seis de junho de 2022, no Salão Nobre da Faculdade de Direito (praca Santos Andrade, nº 50, Centro, Curitiba, PR).

² Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/4377769084332380>.

tornaram possível. Gostaria de dizer ainda que a celebração deste momento é também por ingressarem em uma universidade que está entre as melhores do Brasil e da América Latina, que é pública, gratuita e que, portanto, demanda, neste momento em diante, um compromisso republicano e democrático com essa que será a *alma mater* de vocês por toda a vida.

Querido professor Celso Luiz Ludwig, nosso homenageado, a quem me dirigirei apenas como Celso. Poucos não são os anos de amizade e colegismo que compartilhamos aqui, na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Paraná. Inicio esta homenagem citando Enrique Dussel, filósofo argentino-mexicano que marca a sua trajetória existencial, intelectual e acadêmica, assim como também marca e marcou gerações de alunas e alunos desta faculdade: “*a vida humana é o modo de realidade do ser ético*”.

Essa existência e a demanda ética que ela exige são características marcantes do Celso e da sua atividade docente e profissional. Celso é, antes de mais nada, um professor. E o que é ser um professor? Do latim, *profiteri* significa declarar, fazer uma declaração, manifestar-se, assegurar, prometer, protestar, obrigar-se, dar a conhecer e, por fim, ensinar. Agregaria, ainda, a ideia de fé, isto é, professar, não em um sentido místico transcendental, mas no sentido do acreditar, do se fazer presente, do crer na importância daquilo que é uma missão revolucionária. Já a etimologia da palavra *emérito* nos remete ao latim *emeritus*, que na raiz traz a ideia de compartilhar e de ser merecedor. Esse é o sentido do título que a Universidade Federal do Paraná lhe concede hoje, o de **professor emérito**. Com alguma liberdade eu diria que o sentido de professor emérito poderia também significar trinta e dois anos de dedicação cotidiana à filosofia, sua docência e pesquisa, às alunas e alunos e à ética da libertação.

Celso é professor das Humanidades no sentido mais potente, pois formado nas Humanidades para as Humanidades. Fez graduação em filosofia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, em 1978. Graduação em direito pela UFPR, em 1982, e graduação em letras, também pela UFPR, em 1986. Mestrado e doutorado em direito pela UFPR, em 1993 e 1998.

Foi no dia 11/01/1990 que Celso tomou posse como professor de Filosofia do Direito, do Departamento de Direito Privado, nesta faculdade. Praticamente no mesmo momento em que ocorreu a primeira eleição direta para presidente da República, depois de mais de vinte anos de ditadura civil-militar. A Constituição brasileira tinha pouco mais de um ano de vigência e a democracia entrava nos

trilhos no Brasil. Desde então, ministrou aulas não apenas na graduação, como também no Programa de Mestrado e Doutorado da Universidade, tendo, como orientandos e orientandas, inúmeras alunas e alunos desta casa. Me refiro de forma muito especial ao nosso querido reitor, professor doutor Ricardo Marcelo, que também foi seu orientando, além de outros professores desta casa.

O que faz do Celso um professor, alguém que mereça receber o título de emérito, muito mais do que a competência e seriedade na pesquisa e no ensino, é o compromisso com o humano, com o outro, e a convicção de que, como diz Paulo Freire, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção”.

A trajetória profissional, pautada pelo compromisso ético de quem vive e olha o mundo a partir do Sul, conforme o próprio Celso afirma, “do contexto da dependência, do subdesenvolvimento e da dominação dos países periféricos latino-americanos (também, africanos e asiáticos) e de uma originária situação de injustiça e, pautada também, pela dupla convicção da situação de dependência e de dominação e da necessidade da libertação dessa situação”. No Celso, reflexão e ação crítica se conjugam e se engajam ao questionar as formas dominantes e dominadoras da razão moderna, oferecendo alternativas aos problemas dos países periféricos. Esse diagnóstico, que já estava em sua tese de doutorado defendida na década de 90, ganhou ainda mais vigor ao longo do tempo, o que o torna um dos mais importantes filósofos críticos do direito do Brasil.

Não há filosofia crítica possível e uma ética que liberte sem (aqui cito o Celso) “[pressupor], para tanto, os diagnósticos de sociólogos, historiadores e filósofos na constatação da crítica situação em que termina mais um século, em termos de tragédia sem precedentes, da crise de valores, da crise da derrocada dos socialismos reais, do abalo do ‘estado social’ frente às investidas do neoliberalismo, das carências mínimas não resolvidas pela economia de mercado capitalista, com crescente aumento da pobreza, miséria e fome de três quartos da população mundial”. É dizer, a colonialidade, que agiu e age sobre as pessoas, como também sobre o conhecimento por elas produzido e sobre o imaginário social, resultou e ainda resulta em violências e injustiças contra as formas de existir latino-americanas e outras. Nesse sentido, é fundamental a crítica de Celso, a partir de Dussel, sobre a negação da vida dos excluídos, que se encontram na exterioridade do sistema mundo, para a construção de um outro mundo possível e factível (aliás, um outro mundo possível me remete a um momento que compartilhamos no Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, em 2005 – era um outro Brasil, um tempo em que nele a democracia estava se consolidando e um forte processo de promoção da justiça

social acontecia). Infelizmente o tempo passou desde que Dussel e Celso enunciaram estas teses, mas a realidade pouco mudou.

Quarenta anos se passaram e este diagnóstico continua preciso nesse limiar da terceira década do terceiro milênio e, cada vez mais, exasperam-se as contradições entre o norte rico e o sul miserável. O que nos separa, enquanto civilização, da barbárie, o que caracteriza o tempo presente, o que nos separa avassaladoramente do outro, o que faz com que hoje pensemos no outro como o inimigo em um país marcado pela exclusão, pela desigualdade, pela violência, o que o Celso nos ensinou durante todos esses anos, é a certeza de que nós podemos intervir na realidade; é a certeza que nós estamos comprometidos com um saber engajado, com um saber transformador, com um saber revolucionário.

Esta pedagogia existencial, ética, política e jurídica que tem no legado do Celso o exemplo da luta que não esmorece, se faz mais do que necessária neste momento do nosso país e da nossa universidade. Vivemos tempos sombrios. Vivemos tempos de cerceamento da liberdade de pensar e professar, tempos de ataque às universidades, mas não só. O ataque é sistemático contra as instituições democráticas e as pessoas que as defendem. A universidade pública vem sendo atingida diariamente por sucessivos ataques à sua autonomia, aos seus processos de decisão interna e definição de suas prioridades. O ataque mais robusto vem se dando através dos cortes financeiros e orçamentários, com sucessivos bloqueios de verbas que deveriam ser destinadas às instituições federais e que determinam que as mesmas não possam atender a compromissos básicos de custeio e investimento. Censura. Asfixia financeira que impede a produção do conhecimento e desenvolvimento das ciências e a fuga de cérebros para outros países. Tempos que nos demandam responsabilidade, comprometimento e, também, coragem para lutar pela qualidade de ensino e do conhecimento que aqui é produzido.

Tempos de insegurança e temores. Tempos de ameaças (basta lembrar que os opositores políticos não são tratados apenas como adversários, e sim como inimigos e, por isso, ameaçados de serem mandados para a cadeia ou para *Ponta da Praia* – Ponta da Praia, para quem não sabe, era uma expressão usada por militares para se referirem à base da Marinha na Restinga de Marambaia, em Pedra de Guaratiba, no Rio de Janeiro. O local foi um dos mais terríveis centros de interrogatório, tortura e mortes de opositores políticos durante a ditadura civil-militar).

Nossa democracia está sob ameaça, nossa Constituição está sob ameaça. A promessa constitucional firmada em outubro de 1988 se encontra ameaçada por sucessivos ataques e por processos que desconstituem direitos e garantias individuais e sociais. Questionam-se não apenas diferentes interpretações da Constituição, leituras diferentes, mas se questiona a própria Constituição.

Assim, esta homenagem, além do reconhecimento público do trabalho de um professor exemplar, é também um ato de resistência e de afirmação da potência transformadora da educação. Celso é a expressão maior e melhor disso: o professor, o pesquisador crítico, o advogado público e o amigo sempre presente.

Terminei com uma frase do escritor português José Saramago, que está na introdução ao livro Terra, do fotógrafo Sebastião Salgado:

O Cristo do Corcovado desapareceu, levou-o Deus quando se retirou para a eternidade, porque não tinha servido de nada pô-lo ali. Agora, no lugar dele, fala-se em colocar quatro enormes painéis virados às quatro direções do Brasil e do mundo, e todos, em grandes letras, dizendo o mesmo: UM DIREITO QUE RESPEITE, UMA JUSTIÇA QUE CUMPRA.

Muito obrigada!